

Designações *para pipa sem varetas* na região do falar amazônico: um estudo com dados do projeto ALiB

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3632>

Danyelle Almeida Saraiva¹

Resumo

Este trabalho analisa as designações para pipa sem varetas a partir de dados extraídos da dissertação *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB* (Portilho, 2013), que utilizou dados geolinguísticos do Projeto ALiB em 26 localidades das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com o objetivo de visualizar se há uma marca dialetal própria da região do falar amazônico, proposta por Nascentes (1953), no que se refere ao nível lexical. Para isso, foram utilizados procedimentos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Geolinguística e da Lexicologia, com a finalidade de verificar se a designação *curica*, mais produtiva na região analisada, seria uma possível marca dialetal própria da região em foco, influenciando a norma linguística da área de controle no que se refere ao nível lexical da língua, especificamente na área semântica de jogos e diversões infantis.

Palavras-chave: Projeto ALiB; Dialetologia; área dialetal; falar amazônico; pipa sem varetas.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; danyufms@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-4540-8854>

Designations for *pipa sem varetas* [kite without sticks] in the Amazonian speaking region: a study with data from the ALiB project

Abstract

This paper analyzes the designations for *pipa sem varetas* [kites without sticks] based on data extracted from the dissertation *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB* (Portilho, 2013), which used geolinguistic data from the ALiB Project in 26 locations in the North, Northeast and Central-West regions, with the aim of visualizing if there is a dialectal mark typical of the Amazonian speaking region, proposed by Nascentes (1953), with regard to the lexical level. To this end, theoretical-methodological procedures from Dialectology, Geolinguistics and Lexicology were used, with the purpose of verifying whether the designation *curica*, more productive in the region analyzed, would be a possible dialectal mark specific to the region in focus, influencing the linguistic norm of the control area with regard to the lexical level of the language, specifically in the semantic area of children's games and entertainment.

Keywords: ALiB project; Dialectology; dialectal area; amazonian speech; *pipa sem varetas* [kite without sticks].

Introdução

A interação humana ocorre majoritariamente por meio da linguagem verbal, faculdade que nos distingue dos demais animais. Sob essa perspectiva, sabe-se que o léxico é o nível da língua que fortemente evidencia não apenas a relação entre língua e sociedade, mas também aspectos socioculturais de determinada comunidade de fala, possibilitando inferências sobre o ambiente físico e cultural de seus usuários e permitindo, assim, um entendimento sobre elementos da visão de mundo desses falantes:

A língua de uma sociedade humana dada, que pensa e fala nessa língua, é organizadora da sua experiência e, por essa razão, modela o seu "mundo" e a "sua realidade social". Por outras palavras e formulando esse pensamento numa maneira ainda mais concisa: cada língua contém uma visão específica do mundo (Schaff, 1964, p. 99-100).

Com efeito, os padrões linguísticos seguidos por uma comunidade caracterizam a norma, compreendida sob a perspectiva coseriana – nível da língua de caráter abstrato e coletivo que intermedeia a língua e a fala, apresentando itens constantes que são aceitos e realizados coletivamente (Coseriu, 1980, p. 122). A norma linguística apresenta variação em diferentes níveis de acordo com a motivação que desencadeia a ocorrência do fenômeno.

Dadas as dimensões continentais do Brasil e as influências de outros idiomas sobre o português transplantado, a língua portuguesa da vertente brasileira apresenta um conjunto de variedades bastante distintas entre si, evidenciando um fenômeno que também ocorre em outros idiomas: a heterogeneidade da norma.

Sendo o nível lexical um forte representante da variação linguística no eixo horizontal, é mister que sejam estudados os regionalismos, permitindo que se abstraia parte da configuração da realidade linguística do Brasil. Na verdade, o estudo desse assunto configura-se como uma temática complexa e polêmica, sendo *regionalismo* definido como:

[...] em sentido lato, traços linguísticos privativos de cada uma das regiões em que se fala uma dada língua, assim dividida em dialetos. Em sentido estrito, os regionalismos léxicos especialmente quando recebem guarida na língua escrita e literária, são de forma (vocabulares) ou de significação (semânticos) (Camara Jr., 1977).

Nesse sentido, cabe destacar que os atlas linguísticos desempenham a função de documentar o uso do léxico em determinado recorte espaço-temporal, representando:

[...] verdadeiras fotografias sociolinguísticas; resgatam e registram a distribuição espacial de formas linguísticas que refletem particularidades étnicas, condicionantes histórico-culturais que afetam a linguagem de um grupo social. Assim, documentam, além de fatos linguísticos, valores, hábitos, crenças de um grupo de falantes (Isquierdo, 2007, p. 533).

Sendo um atlas linguístico a obra que serviu como base para a elaboração da dissertação *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB* (Portilho, 2013), que catalogou, descreveu e analisou unidades lexicais pertencentes à área semântica *jogos e diversões infantis*, este trabalho analisa as designações obtidas para a pergunta 159 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, em vinte localidades da região Norte e em outras seis localidades, situadas em regiões limítrofes.

Nota-se que o estudo do nível lexical da língua favorece a transparência de elementos culturais de uma comunidade de fala e apresenta variações nas designações atribuídas a um mesmo referente em cada região do Brasil, conforme têm demonstrado os inquéritos realizados pelo Projeto ALiB com habitantes das capitais brasileiras e de localidades do interior dos estados, tomando como ponto de partida as perspectivas diatópica e léxico-semântica.

A escolha da área semântica para este estudo ocorreu primeiramente devido à importância exercida pelos jogos, os brinquedos e as brincadeiras tradicionais no desenvolvimento da socialização da criança, “pois brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos” (Bernardes, 2006, p. 543). Entende-se, pois, que a variedade de brinquedos e brincadeiras infantis pode resultar em um rico vocabulário relacionado à Ludologia.

Pretendeu-se com esta pesquisa, com aporte teórico da Dialectologia e da Lexicologia, verificar se é possível visualizar uma marca dialetal própria, no que se refere à designação mais produtiva para a *pipa sem varetas*, na área do falar amazônico proposta por Nascentes (1953). Na obra *O linguajar carioca*, o autor esclarece: “hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí [sic], de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (Nascentes, 1953, p. 24). Esse estudioso propôs que o Brasil fosse dividido em seis áreas dialetais: amazônica, nordestina, sulista, baiana, fluminense e mineira, além de um território considerado pelo autor como incharacterístico, que à época era praticamente despovoado pelo homem branco, conforme se observa na figura 1 a seguir:

Figura 1. Divisão do Brasil em áreas dialetais (proposta de Nascentes, 1953)



Fonte: <http://www.icl.ufba.br/wiki/bin/view/Alib/DivisaoDialectal>. Acesso em 03 abr 2011.

Fonte: Página do projeto ALiB

Foram utilizados dados contemporâneos para verificar a vitalidade da área dialetal do *falar amazônico* proposta por Nascentes (1953) no nível lexical, a partir de um recorte lexical com dados extraídos de inquéritos linguísticos do Projeto ALiB, e com aporte da Dialetologia (Cardoso, 2010; Aguilera, 2009) e da Lexicologia (Biderman, 1998). No exame dos dados, foi observada a distribuição diatópica das designações estudadas, buscando na história de povoamento da região, marcada pelas grandes navegações, pelo ciclo da borracha e pela construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, possíveis motivações para o uso do léxico documentado, além de identificar regionalismos da língua portuguesa na região Norte do Brasil. O tópico a seguir abordará a metodologia empregada no trabalho.

Metodologia

Os pesquisadores que fazem parte do comitê nacional do Projeto ALiB, desenvolvido com método Geolinguístico em âmbito nacional e de caráter interinstitucional, coletaram os dados linguísticos por meio de inquéritos realizados com informantes selecionados de acordo com critérios espaciais – nascidos e criados na localidade, não podendo ter passado mais de um terço da vida em outra região linguística, e cujos pais sejam naturais da mesma área pesquisada – e critérios sociolinguísticos, como faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade – nas localidades do interior dos Estados, os quatro informantes devem possuir Ensino Fundamental incompleto, enquanto nas capitais são selecionados, além dos quatro informantes com essa escolaridade, mais quatro com curso superior completo.

Para o presente artigo, foram estudadas as transcrições grafemáticas das respostas obtidas para a pergunta 159 do questionário semântico-lexical²: “brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina no vento por meio de uma linha” (Comitê Nacional..., 2001), e posterior checagem da dicionarização³ de tais designações, possibilitando a análise dos dados coletados segundo as dimensões diatópica e léxico-semântica.

É importante destacar a relevância da dicionarização ou não de unidades lexicais, pois os dicionários trazem consigo um efeito de autoridade, preenchendo lacunas informacionais em uma sociedade letrada, atendendo necessidades específicas das coletividades linguísticas, adquirindo

2 O questionário linguístico do projeto ALiB é composto por questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, além de questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos e um texto para leitura. Para maiores informações, é possível consultar a página <https://alib.ufba.br/>.

3 Obras consultadas: Bluteau (1728), Silva (1789), Pinto (1832), Houaiss (2001) e Michaelis (2015).

[...] o estatuto de instância de legitimação do léxico, passando então a funcionar como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. Por tudo isso, o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura que, inclusive, o entendem como instrumento da “verdade linguística”, logo, inquestionável (Krieger, 2006, p. 142).

A partir do estudo das designações catalogadas e verificação da dicionarização delas, e com o objetivo de atestar uma possível marca dialetal própria na região do *falar amazônico* na atualidade, foram selecionadas as localidades que compõem a área dialetal em foco e localidades limítrofes, chamadas áreas de controle. Essa forma de seleção espacial englobando áreas adjacentes àquela que compõe a área dialetal em foco é um método que foi desenvolvido por Ribeiro (2012), a fim de se analisar até que ponto as áreas adjacentes à pesquisada influenciam e/ou são influenciadas pelo falar da área dialetal. No caso desta pesquisa, a área dialetal do *falar amazônico* é constituída por 20 localidades da região Norte do Brasil, totalizando 100 informantes, e a área de controle, por 06 localidades – uma de Tocantins, uma de Rondônia, duas de Mato Grosso e outras duas do Maranhão – somando 28 informantes. A tabela 1 a seguir detalha a distribuição dessas localidades⁴:

Tabela 1. Localidades investigadas nesta pesquisa

Estado	Localidade/ALiB	Falar amazônico	Área de controle
AP	001 – Oiapoque	x	
	002 – Macapá	x	
RR	003 – Boa Vista	x	
AM	004 – São Gabriel da Cachoeira	x	
	005 – Tefé	x	
	006 – Manaus	x	
	007 – Benjamin Constant	x	
	008 – Humaitá	x	

4 Na seção de levantamento e análise dos dados, foi disponibilizado um mapa que mostra a distribuição espacial das designações catalogadas, onde é possível observar as vinte localidades da área dialetal do falar amazônico e também as seis da área de controle (área sombreada adjacente à área do falar amazônico).

PA	009 – Soure	x	
	010 – Óbidos	x	
	011 – Almeirim	x	
	012 – Belém	x	
	013 – Bragança	x	
	014 – Altamira	x	
	015 – Marabá	x	
	016 – Jacareacanga	x	
	017 – Conceição do Araguaia	x	
	018 – Itaituba	x	
AC	019 – Cruzeiro do Sul	x	
	020 – Rio Branco	x	
RO	021 – Porto Velho		x
TO	023 – Pedro Afonso		x
MA	025 – Turiaçu		x
	029 – Imperatriz		x
MT	103 – Aripuanã		x
	104 – São Félix do Araguaia		x

Fonte: Elaboração própria

Apesar de os estados de Tocantins e de Rondônia pertencerem à região Norte do Brasil, as localidades da rede de pontos do ALiB nesses estados não pertencem à área dialetal do falar amazônico, por se situarem além dos limites delimitados por Nascentes (1953) para a mencionada área dialetal. Porto Velho (RO), Aripuanã e São Félix do Araguaia (MT) localizam-se no “território incharacterístico”, enquanto Pedro Afonso (TO), Turiaçu e Imperatriz (MA) situam-se na área do falar nordestino, segundo a proposta do dialetólogo brasileiro. Neste estudo, essas seis localidades integram a área de controle. No tópico a seguir, os dados catalogados serão analisados.

Levantamento e análise dos dados

A pergunta 159/QSL busca apurar designações para um “brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha” (Comitê Nacional..., 2001). Apesar de os inquiridores encorajarem os entrevistados a diferenciarem o brinquedo com e sem varetas, é admitida a possibilidade de que os informantes possam ter apresentado dificuldades em distinguir os dois tipos de brinquedos. Serão disponibilizados, a seguir, trechos de inquéritos linguísticos contendo as perguntas 158/QSL⁵ (com varetas) e 159/QSL⁶ (sem varetas), em que se observa que os informantes, nos exemplos a seguir, demonstram saber distinguir entre os distintos brinquedos:

022-1

Pergunta 158: INF.- Uhum, papagaio.

Pergunta 159: INF.- Tem, é uma pipa. Chamam de pipa. É só, é só um papelzinho...

022-2

Pergunta 158: INF.- Ah, é, é papagaio.

Pergunta 159: INF.- Ah, é pipa.

022-3

Pergunta 158: INF.- Essa é a pipa, que chamamos papagaio.

INQ.- Aqui chama de quê?

INF.- Papagaio.

Pergunta 159: Aquele chama-se curica.

Registrou-se que, para o conceito em questão, mais de um terço dos informantes não soube a resposta, totalizando 35,2% (45 informantes). Já os demais (64,8% dos entrevistados) responderam as seguintes designações: *curica/curiquinha*⁷, *pipa*, *papagaio*, *cangula*, *rabiola*, *morcego*, *andorinha*, *suru/suruba*⁸, *pepetinha*, *avião (de papel)*, *paraquedas*, *buzugão* e *big bob*, dispostas no gráfico a seguir, que apresenta somente as respostas obtidas:

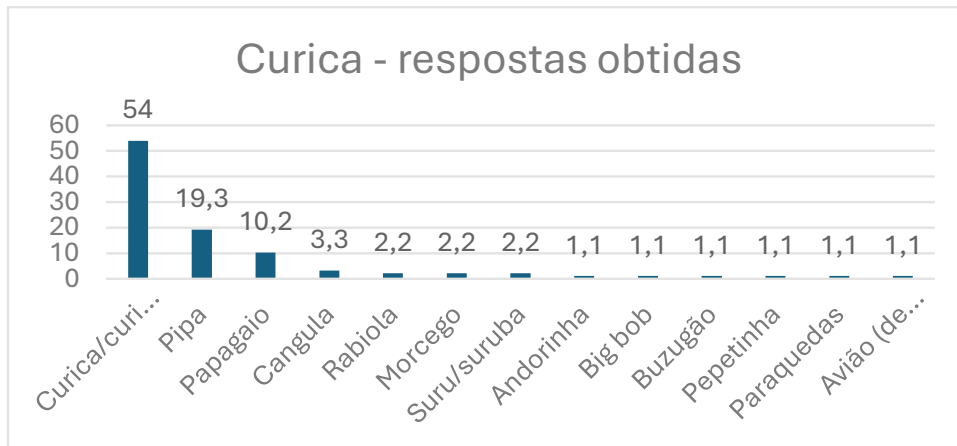
5 “Brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha”.

6 “Brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha”.

7 Agrupadas por proximidade fonético-morfológica.

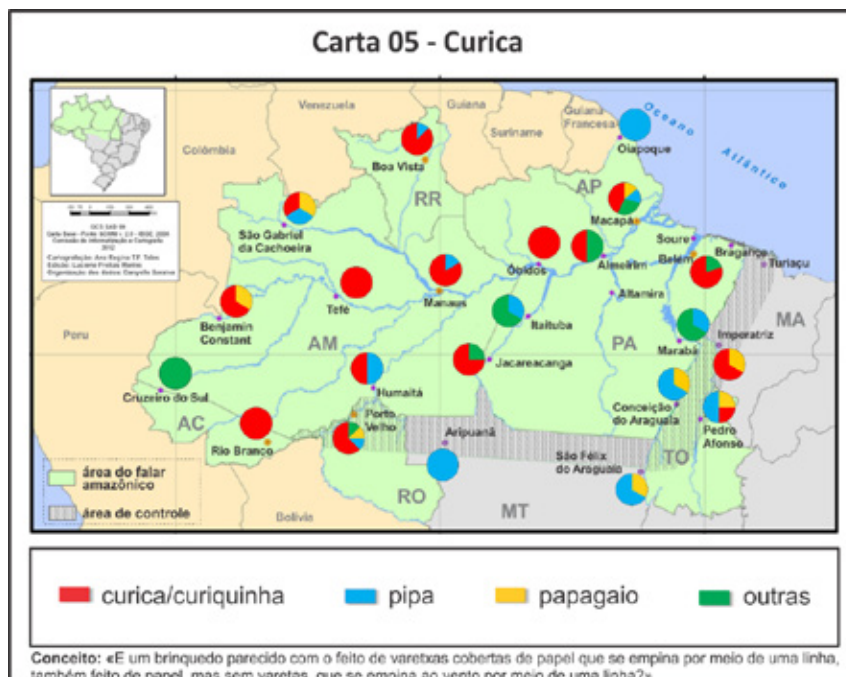
8 Agrupadas por proximidade fonético-morfológica.

Figura 2. Percentual de ocorrências para a pergunta 159 do QSL/ALiB



Fonte: Elaboração própria

Figura 3. Carta linguística com a distribuição diatópica das designações documentadas na região em foco



Fonte: Portilho (2013, p. 96)

Dentre as respostas obtidas (apresentadas na Figura 2), a unidade lexical *curica* e sua variante *curiquinha* foram as mais produtivas no conjunto das localidades estudadas, com 54% das ocorrências, seguido de *pipa*, com 19,3%; de *papagaio* com 10,2%; de *cangula*, com 3,3% e de *rabiola*, *morcego* e *suru/suruba* com 2,2% de produtividade cada uma. Além

disso, houve o registro de seis casos de ocorrências únicas: andorinha, big bob, buzugão, pepetinha, paraquedas, avião (de papel). As designações levantadas estão distribuídas diatopicamente na carta linguística apresentada na figura 3⁹.

Nota-se que a variante curica tem presença majoritária em muitas localidades da área do falar amazônico, apontando a possibilidade de uma forma tipicamente regional do Norte do Brasil. Desse modo, a norma da área dialetal em foco estaria influenciando a norma da área de controle, pois em localidades como Porto Velho (RO) e Imperatriz (MA), por exemplo, a presença da designação curica também é marcante. Na figura 4, a seguir, é possível verificar a distribuição diatópica nas capitais, em que se nota uma possível isoléxica na cor amarela (curica) na região Norte e adjacências. A cor vermelha representa a designação *pipa*, a azul, *papagaio*, verde, *raia*, branco, *avião* e outras designações estão representadas pela cor cinza.

Figura 4. Carta linguística com a distribuição diatópica das designações documentadas no Brasil



Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 303)

9 Nesta carta, também é possível observar o espaço geográfico que compreende a área do falar amazônico: “AC, AM, PA e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo” (Nascentes, 1953) – Estados da atual região político-administrativa Norte do Brasil, exceto Rondônia e Tocantins – e a área de controle, região limítrofe à área dialetal em foco (método desenvolvido por Ribeiro (2012) e adotado nesta pesquisa), com destaque sombreado.

É importante destacar que os entrevistados foram estimulados a diferenciar o brinquedo com ou sem varetas, conforme se observa nas notas do Atlas Linguístico do Brasil:

002-1 Pergunta 159/QL

INF – *Paraquedas*... É um saco de papel colorido... Com uma linha.

012-1 Pergunta 159/QL

INQ – Chama *morcego*? Como é o *morcego*?

INF – É que ele não é feito de tala, é só no papel mesmo, estala um negócio lá e dá pra subir.

020-5 Pergunta 159/QL

INF – *Curica*.

INQ – A diferença entre a *curica* e a *pepeta*?

INF – Que a *curica* ela é... No caso, a *pepeta* é com tala... Papel de seda, né, e a *curica* a gente faz só com papel, só papel sem tala. É até menor e é todo feito no papel, a *rabiola* até de um corte, vamos dizer assim, que é um corte dá pra fazer ela. Você faz um corte num papel, você faz ela.

INQ – Agora eu tenho uma curiosidade porque... Quando eu era criança eu fazia as minhas *pepetas*, né, mas, como é, onde que vocês colocam a linha?

INF – Na *curica*.

INQ – É.

INF – Tem um desenho... Mais ou menos oval, assim, redondo, e você põe um palito de fósforo, assim, travessado nela e amarra a linha ali, naquele palito e... Só que ela, só que ela não tem, tipo assim, ela não faz manobra, ela só, ela só... Voa.

INQ – Sobe?

INF – Sobe, você consegue e tal, mas ela num... não faz aquelas manobras do *papagaio*, né.

020-8 Pergunta 159/QL

INF – *Curica*, que eles chamam.

INQ – *Curica*?

INF – *Curica*, é...

INQ – Ele é...

INF – É só no papel.

INQ – Ah, não tem varetinha?

INF – Não tem varetinha, é só papel, a linha e o rabo.

(Cardoso *et al.*, 2014, p. 304)

Considerando que *curica* ocorreu em 16 das 26 localidades estudadas, pode-se levantar a hipótese de se tratar de uma forma regional típica da região Norte, ideia que pode ser corroborada ao se observar os dados de outros trabalhos contemplando regiões distintas do país, em que se pesquisou a mesma pergunta objeto deste artigo. A dissertação intitulada *Brincando pelos caminhos do falar fluminense* (Santos, 2016) abordou dados geolinguísticos do projeto ALiB nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo na totalidade, e parte dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Foram catalogadas 22 unidades lexicais para o brinquedo *pipa sem varetas*, sendo *papagaio* e *arraia* as formas mais produtivas, seguidas de *pipa*, *gereco*, *avião*, *caixote*, *ratinho*, *balão*, *capucheta*, *papavento*, *pião*, *estrela*, *cotó*, *catreco*, *rabiola*, *morcego*, *gaivota*, *galochinha*, *cata-vento*, *mutuca*, *cafifa* e *cata-tempo*.

Já a dissertação *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do projeto ALiB: visitando o falar nordestino* (Santos, 2018) analisou o território compreendido pela área do falar nordestino (Nascentes, 1953), abarcando os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. As unidades lexicais catalogadas foram *arraia/raia*, *aviãozinho* (e variações), *balão*, *bolachinha*, *chalopa*, *coruja*, *curica*, *papagaio*, *pipa*, *ratinho*, *bicó*, *sura*, *foguete*, *charupinha*, *paletinha*, *bandeirinha*, *camaleão*, *índio* e *caixa*, sendo *pipa*¹⁰ e *papagaio* as mais produtivas. A unidade lexical *curica* foi registrada apenas em localidades do Maranhão e do Piauí: “o Maranhão e, por vezes, o Piauí recebem influência do *falar amazônico*” (Santos, 2018), corroborando a hipótese deste artigo, de que áreas adjacentes estariam sendo influenciadas pela norma da área do *falar amazônico*, no que se refere à designação para *pipa sem varetas*.

A tese de Ribeiro (2012), por seu turno, estudou as designações na área dialetal do falar baiano nos seguintes estados: Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Tocantins, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo. Nesse trabalho, foram documentadas 46 formas lexicais distintas para a pergunta 159/QSL, agrupadas em 13 conjuntos, a saber: *arara*, *arraia*, *avião*, *balão*, *bicudo*, *morcego*, *capota*, *papagaio*, *periquito*, *pipa*, *ratinho* e *suru*, além de ocorrências únicas: *bandera*, *barco*, *bico-de-papagaio*, *caixa*, *camaleão/camaliãozinho*, *cochim*, *curiquinha*, *gaivota*, *jereca/jerequinha*, *mutuca*, *papavento*, *rapinha* e *teleco*. As formas *pipa*, *papagaio* e *arraia* apresentam-se como as mais produtivas na região.

No que se refere aos dados da região Sudeste, destaca-se a monografia intitulada *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*, de D’Anunciação (2016), e a tese de Alencar (2018), intitulada *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. Os dados da monografia evidenciam as seguintes designações:

10 Cabe destacar que, durante a audição das entrevistas, muitos informantes disseram que os dois brinquedos [com e sem varetas], embora tenham diferenças, eram chamados da mesma forma (Santos, 2018, p. 142).

papagaio, pipa, raia, capuxeta, caixote/caixeta, ratinha, aviãozinho, arara, balão, cata-tempo, gamelão, gereco e mutuca. Já a tese apresenta os dados coletados agrupados em 14 conjuntos: *capucheta, pipa, papagaio, cartola, maranhão, balão, aviãozinho, arraia, papa-vento, cúca, jereco, rabiola, sapim* e o conjunto de ocorrências únicas: *peixinha, gamelão e prancheta.*

Diante dos dados apresentados, é possível visualizar uma marca dialetal própria da região Norte para a designação para a pipa sem varetas – *curica*. A seguir, serão evidenciados os dados coletados pelas pesquisas referenciadas.

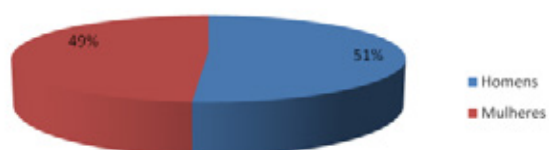
Tabela 2. Designações para *pipa sem varetas* registradas em outros trabalhos

Designações apuradas	Falar baiano (Ribeiro, 2012)	Minas Gerais (D'Anunção, 2016)	Falar fluminense (Santos, 2016)	Falar nordestino (Santos, 2018)	São Paulo (Alencar, 2018)
Andorinha					
Arara	x	x			
Arraia/Raia	x	x	x	x	x
Avião(zinho)	x	x	x	x	x
Balão	x	x	x	x	x
Bicudo	x				
Big bob					
Bolachinha				x	
Buzugão					
Cangula					
Capota	x				
Chalopa					
Coruja				x	
Curica/curiquinha				x	
Morcego	x		x		
Pagagaio	x	x	x	x	x
Paraquedas					
Pepetinha					
Periquito	x				
Pipa	x	x	x	x	x
Rabiola			x		x
Ratinho(a)	x	x	x	x	
Suru/suruba	x				

Fonte: Elaboração própria baseada nos trabalhos mencionados

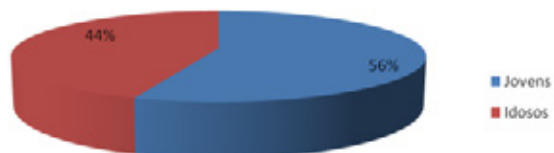
Vale destacar que o referente é desconhecido entre os informantes de Turiaçu (MA), Soure (PA), Bragança (PA) e Altamira (PA), localidades próximas entre si. Os informantes que não responderam à pergunta 159/QSL são, em sua maioria, homens jovens, de acordo com as figuras 5 e 6 na sequência.

Figura 5. Índice de não resposta para a pergunta 159/QSL/ALiB, distribuído segundo o sexo do informante



Fonte: Portilho (2013, p. 98)

Figura 6. Índice de não resposta para a pergunta 159/QSL/ALiB, segundo a idade do informante



Fonte: Portilho (2013, p. 98)

Nota-se que a diferença de produtividade (não respostas) de acordo com a idade e o sexo foi pequena, levemente superior entre os homens jovens. Não se pode descartar, apesar dos esforços das equipes de inquiridores, que os informantes podem ter relacionado a pergunta anterior e a que é alvo desta pesquisa durante a inquirição¹¹, ou podem desconhecer o referente em questão. Admite-se que o falante urbano pode ter dificuldade em estabelecer diferenças entre os dois tipos de brinquedos, haja vista que os hábitos e elementos culturais do Brasil visto por Nascentes (1953) são substancialmente diferentes do Brasil do século XXI, e como o índice de não resposta foi superior entre a faixa etária mais jovem, tal fato pode apontar para uma possível perda do costume de brincar com esse tipo de brinquedo, o que poderia explicar o desconhecimento dos informantes.

¹¹ É possível que alguns informantes não tenham feito distinção entre o brinquedo com e o sem varetas.

Quanto às designações apuradas, a tabela 3 evidencia os registros delas (ou não) nos dicionários consultados. Conforme mencionado anteriormente, um dicionário é concebido como um instrumento de educação permanente que viabiliza o acesso ao léxico catalogado, “numa correspondência com os significados que o recobrem” (Krieger, 2006, p. 142), trazendo consigo certo efeito de autoridade. Nota-se ausência do registro das designações para *pipa sem varetas* – o sema *varetas* aparece como um elemento obrigatório nas obras lexicográficas consultadas.

Tabela 3. Dicionarização das designações catalogadas

Item lexical	Bluteau (1728)	Silva (1789)	Pinto (1832)	Houaiss (2001)	Michaelis (2015)
Curica	outra acepção			com varetas	com varetas
Pipa	outra acepção	outra acepção	outra acepção	com varetas	com varetas
Papagaio	com varetas	com varetas	X	com varetas	com varetas
Cangula					
Rabiola				com varetas	com varetas
Morcego	outra acepção	outra acepção	outra acepção	com varetas	com varetas
Suru				com varetas	com varetas
Andorinha	outra acepção	outra acepção	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Big bob					
Buzugão					
Pepetinha					
Paraquedas				outra acepção	outra acepção
Avião (de papel)				outra acepção	outra acepção

Fonte: Elaboração própria a partir das obras consultadas

As unidades lexicais *pepetinha* e *big bob* não estão dicionarizadas nas obras lexicográficas consultadas para esta pesquisa. Já o item lexical *paraquedas* está registrado em Ferreira (2004) e em Michaelis (2015) com acepção distinta da atribuída a ela pelos informantes do Projeto ALiB, por isso não foi considerada resposta válida para a pergunta em questão. O item lexical *morcego*, por sua vez, é definido como “brinquedo constituído de uma armação leve de varetas, recoberta de papel fino, à qual geralmente se prende uma linha usada para lhe controlar o movimento quando empinado; pipa” (Houaiss, 2001). Nota-se

que a definição traz o sema vareta na composição do brinquedo, conceito expresso em outra pergunta do questionário semântico-lexical, evidenciando que os informantes não têm tanta familiaridade com brinquedos semelhantes, que se distinguem apenas pela presença ou ausência de varetas¹².

Já no caso de suru, a definição apresentada por Houaiss (2001) e por Michaelis (2004) faz alusão ao papagaio sem cauda e com barbatanas de papel e não há menção à ausência de varetas. Já buzugão não está dicionarizado, apenas buzugo na acepção de coisa malfeita tanto em Houaiss (2001) quanto em Michaelis (2015), o que pode ser explicado devido à ausência de varetas, que ajudariam na sustentação da forma do brinquedo (e sem elas o buzugão seria algo disforme).

O item *papagaio* é registrado em Pinto (1832) como “máquina que os rapazes fazem de papelão ou lençaria forte, de feição oval e chata, com uma cauda para a fazerem subir com o vento ao ar”, único registro sem menção explícita ao emprego de varetas. Em Silva (1789, grifo próprio), *papagaio* é conceituado como “folhas de papel, ou lenço, estendidas sobre uma cruz de canas, e cortadas em figura oval, com um rabo na parte fina, que se soltam ao ar, e lá se sostem por brinco de rapazes”. Fica evidente, nas obras lexicográficas consultadas, que quase todas as definições carregam consigo o traço semântico *varetas*.

Considerações finais

Ao se estudar um recorte do léxico na perspectiva diatópica, tendo como foco a área dialetal do falar amazônico, notou-se que *curica/curiquinha* foi a designação mais produtiva para o “brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, [...]” (Comitê Nacional..., 2001) na região do falar amazônico e adjacências, registrada em 16 das 26 localidades selecionadas, o que indica uma possibilidade de que a norma da área dialetal do falar amazônico possa estar influenciando a norma das regiões limítrofes. Destaca-se, também, o elevado índice de não respostas entre uma parcela considerável de habitantes jovens que desconhecem a versão sem varetas do brinquedo, indicando uma possível mudança de hábitos no que se refere a jogos e diversões infantis.

O fato de não haver registro dessa designação nas demais localidades do país, conforme foi constatado a partir não somente das análises de outros trabalhos que tiveram como *corpus* os dados do projeto ALiB, mas também da carta linguística contendo a distribuição geográfica dos itens lexicais documentados para o conceito em foco, evidenciando uma concentração de registros das ocorrências de *curica*, leva-nos a crer que estejamos diante

12 A pergunta anterior do QSL (158) tinha por objetivo investigar as designações para o “brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha” (grifo próprio).

de uma marca dialetal própria da região Norte do Brasil, que parece estar discretamente se inserindo na norma linguística das localidades vizinhas, ratificando as análises de Portilho (2013) e a possível identificação de um modo específico do falar amazônico em área majoritariamente composta por territórios da atual região Norte do Brasil.

Por fim, vale ressaltar que muitas das designações coletadas nos estudos apresentados neste artigo têm em comum o traço semântico referente à capacidade de voar: curica (uma espécie de papagaio), avião, papagaio, arara, morcego, entre outras mostradas no tópico de análise dos dados. A designação *curica*, mais produtiva na área dialetal do falar amazônico, origina-se da língua tupi *kuruka* (Michaelis, 2015), evidenciando uma influência indígena na norma dialetal marcadamente na região Norte do Brasil. Apesar dos fluxos migratórios ocorridos rumo àquela região nos períodos do auge do ciclo da borracha e da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, tendo sido polo atrativo de indivíduos oriundos das mais variadas origens, a região Norte apresenta um possível conservadorismo linguístico, pois a unidade lexical mencionada faz parte da norma da região.

Referências

AGUILERA, V. de A. *Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB*. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Vanderci%20de%20Andrade%20Aguilera.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

ALENCAR, B. A. *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

BERNARDES, E. L. Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história. In: Congresso Luso-brasileiro de história da Educação, 6., 2006, Uberlândia. *Anais do 6º Congresso Luso-brasileiro de história da Educação*. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/47ElizabethBernardes.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, n. 02, p. 81-118, 1998.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>. Acesso em 01 set. 2024.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S. de; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. (org.). *Atlas Linguístico do Brasil*. vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Questionário linguístico 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

D'ANUNCIACÃO, E. S. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19741/1/TCC%20-%20Elianca%20D%27Anunciacao%20-%202016%20%28entrega%29.pdf>. Acesso em 01 set. 2024.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, A. N. Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica. *Actes du XXIV CILPR*. Aberystwyth, UK, 2007, p. 533-546.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. 2006. *Revista Calidoscópico*, v. 4, n. 3, p. 141-147. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/vol4n3/art02_krieger.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/normatizar/>. Acesso em: 07 set. 2024.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PINTO, L. M. da S. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-brasileira/>. Acesso em: 07 set. 2024.

PORTILHO, D. A. S. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/metodologia.asp>. Acesso em: 26 mar. 2011.

RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, G. F. da S. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do projeto ALiB: visitando o falar nordestino*. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, L. A. dos. *Brincando pelos caminhos do falar fluminense*. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHAFF, A. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1964.

SILVA, A. M.; BLUTEAU, R. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1. ed. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portugueza-recompilado-dos-vocabularios-impresos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/>. Acesso em: 01 set. 2024.